

O projeto skinneriano para a história intelectual: A “lógica da pergunta e resposta” de R. G. Collingwood e sua apropriação por Quentin Skinner

Gabriel Barroso Vertulli Carneiro

[Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio]

CARNEIRO, G. B. V. O projeto skinneriano para a história intelectual: A “lógica da pergunta e resposta” de R. G. Collingwood e sua apropriação por Quentin Skinner. *Revista Anima*, Ano 4, nº 5, 2014, p. 20-34.

Resumo

O presente artigo pretende apontar, em linhas gerais, como o historiador Quentin Skinner se apropriou dos escritos filosóficos de Robin George Collingwood – mais especificamente sobre como Skinner usa a “lógica da pergunta e resposta” formulada por Collingwood como uma ferramenta heurística para amplificar as potencialidades da história intelectual. Na esteira desse empreendimento, busco argumentar que é justamente em função da “lógica da pergunta e resposta” collingwoodiana que Skinner intitula o seu projeto teórico-metodológico de “abordagem collingwoodiana” (*Collingwoodian approach*).

Palavras-chave: Quentin Skinner; R. G. Collingwood; lógica da pergunta e resposta.

Abstract

This article is intended to show, in general terms, how the historian Quentin Skinner appropriated the philosophical writings of Robin George Collingwood – more specifically how Skinner uses the “logic of question and answer” formulated by Collingwood as a heuristic tool to amplify the potential of intellectual history. In the wake of this enterprise, I seek to argue that it is precisely because of the “logic of question and answer” Collingwoodian that Skinner entitles his theoretical-methodological project “Collingwoodian approach”.

Keywords: Quentin Skinner; R. G. Collingwood; logic of question and answer.

Considerações Iniciais – O programa skinneriano para a história intelectual

“As a good historian, Skinner is always more than a historian.”

(Palonen)

É do conhecimento geral que o ponto de partida do programa skinneriano é a sua crítica à convencional história das ideias. Essa crítica é conhecida por todos e exposta em seu emblemático artigo intitulado *“Meaning and Understanding in the History of Ideas”* (1969). Este artigo é considerado um clássico. No entanto, essa crítica à história das ideias, tomada isoladamente, não faz jus à complexidade da reflexão teórica de Quentin Skinner – reflexão esta que ainda é muito pouco discutida na academia brasileira. Um fato importante que corrobora esse ponto é que nenhuns dos textos teóricos de Skinner estão traduzidos para o português¹ – o que dificulta a sua discussão e faz com que seus textos raramente apareçam nos programas das disciplinas de teoria e filosofia da história e história da historiografia. Porém, é importante lembrar, essa inadvertência não ocorre com os seus trabalhos historiográficos, muitos deles estão traduzidos para o português e sempre são debatidos nas disciplinas de história moderna – principalmente o seu livro mais famoso, intitulado: *“As Fundações do Pensamento Político Moderno”*.

Visto isso, é importante ter em mente que reduzir o programa skinneriano a um artigo prescritivo (como é o caso do já citado *“Meaning and Understanding in the History of Ideas”*) significa desvalorizar o seu caráter hermenêutico, ou, em outras palavras, significa não perceber a transformação e o dialogismo inerentes a este programa. O próprio Skinner já argumentou que a transformação constitui o cerne de qualquer teoria interpretativa: uma vez que não podemos dizer que uma interpretação é inquestionável, qualquer disposição argumentativa é passível de mudança e, logo, não podemos dar um debate por encerrado². Nes-

¹ Como nos lembra Marcelo Jasmin, que considera os textos teóricos de Skinner que continuam sem tradução como uma “lacuna no mercado editorial nacional” (JASMIN, Marcelo & JÚNIOR, João Feres, 2006, p. 11).

² Mesmo reconhecendo que um processo interpretativo talvez nunca se esgote, Skinner não sustenta qualquer tipo de posição “relativista”, visto que ele procede da seguinte forma a respeito do argumento exposto acima: “To accept that the process of interpretation may never-ending is by no means to say that it is wholly open-ended.” (SKINNER, 2001, p. 187.)

se sentido, e em consequência do programa skinneriano ser construído dialogicamente, ou seja, a partir de respostas e debates, ele vem sempre ganhando novos contornos e propósitos. Destarte, é por esse motivo que para uma melhor compreensão deste programa é preciso historicizá-lo.

Em breve síntese, o percurso intelectual de Skinner pode ser delineado da seguinte forma: é possível argumentar que na década de sessenta e setenta Skinner estava traçando as linhas gerais do seu projeto de uma teoria da interpretação dos textos históricos. Seus primeiros artigos têm um nítido caráter programático. Nesse primeiro momento, o seu objetivo principal era o de refutar a história das ideias convencional exposta nos moldes de Arthur Lovejoy e do contextualismo marxista. É inegável que os pressupostos de Robin George Collingwood, Ludwig Wittgenstein e John Austin ensejaram a base desta crítica feita por Skinner³. Nas décadas de setenta e oitenta, Skinner recebeu muitas críticas⁴ devido à sua apropriação da teoria dos atos de fala de Austin – onde a compreensão da intencionalidade autoral seria imprescindível para o entendimento de um texto. Já nas últimas décadas, Skinner vem debatendo sobre as constantes comparações feitas entre o seu programa e o empreendimento de Reinhart Koselleck⁵, conhecido como *Begriffsgeschichte* (A história dos conceitos alemã). Mais ou menos nesse mesmo período, Skinner promoveu um “*Rhetorical turn*”⁶ em seu próprio programa e vem se dedicando ao desenvolvimento do estudo da retórica como instrumento para ampliar as potencialidades da história intelectual⁷.

³ O texto mais representativo desta crítica de Skinner é, sem dúvida, o “*Meaning and Understanding in the History of Ideas*”, onde Skinner faz várias referências a esses três filósofos.

⁴ A maioria das críticas direcionadas ao programa skinneriano parte dos adeptos de Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur e Jacques Derrida. Sobre as críticas ao projeto de Quentin Skinner ver, principalmente: TULLY, James (Ed.). *Meaning e Context: Quentin Skinner and his Critics*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

⁵ Os dois grandes nomes no que diz respeito ao provimento do encontro e do debate entre a *Begriffsgeschichte* de Reinhart Koselleck e a *Collingwoodian approach* de Quentin Skinner são Melvin Richter e Kari Palonen. Para mais detalhes ver: PALONEN, Kari. *Quentin Skinner: History, Politics, Rhetoric*. Cambridge, UK, Malden, MA: Polity Press, 2003; JASMIN, Marcelo; JÚNIOR, João Feres (Org.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio: Edições Loyola: IUPERJ, 2006; e JASMIN, Marcelo. *História dos Conceitos e Teoria Social e Política: Referências Preliminares*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 20, Nº 57, 2005, pp. 27-38.

⁶ A expressão “*rhetorical turn*” foi usada por Kari Palonen (2003, p. 133-172) para caracterizar essa perspectiva mais recente de Skinner; no entanto, Palonen se apropriou dessa expressão, que foi usada pela primeira vez por Richard Rorty.

⁷ É possível dizer que o texto mais representativo desse empreendimento mais recente de Skinner é: SKINNER, Quentin. *Rhetoric and Conceptual Change*. In: *Finnish Yearbook of Political Thought* 3, (1999), pp. 60-73.

A partir desta breve síntese do percurso intelectual de Quentin Skinner é possível perceber que o seu programa está em constante transformação. Os diferentes enfoques do programa skinneriano ao longo das últimas décadas foram engendrados pelo diálogo com seus críticos. O ponto é que tentar compreender o programa skinneriano de forma estática, ou isolando um de seus textos, significa não fazer jus à complexidade e ao caráter dinâmico da sua reflexão teórica – ou, em outras palavras, significa desvalorizar o seu caráter hermenêutico.

Justamente por ser construído a partir de diálogos e debates, o programa teórico-metodológico para a história intelectual desenvolvido por Quentin Skinner gerou muitas polêmicas. Para os fins dos argumentos que aqui serão levantados, é de extrema importância testificar que, em meio a uma avalanche de críticas, Skinner se refere mais de uma vez a Collingwood como sendo o pilar principal de seu programa teórico-metodológico⁸. Visto isso, algumas questões se tornam iminentes: 1) Como Quentin Skinner se apropriou dos escritos de R. G. Collingwood? 2) Como os pressupostos filosóficos *collingwoodianos* poderiam orientar o programa skinneriano para a história intelectual? e 3) Na esteira de tudo isso, afinal, o que Skinner pretendeu dizer ao usar a expressão *Collingwoodian approach*?

Doravante, tentarei indicar brevemente algumas respostas possíveis para essas questões. Porém, antes de tratá-las mais diretamente, cabe fazer uma breve apresentação de algumas ideias de Robin George Collingwood, essa rápida apresentação será útil para percebermos mais claramente como Skinner leu e se apropriou dos textos desse filósofo inglês.

O lugar de R. G. Collingwood entre a História e a Filosofia.

O filósofo inglês Robin George Collingwood, apesar do crescente interesse sobre os seus textos, ainda continua sendo um intelectual *outsider* com pouco apelo acadêmico. Este pensador é muito pouco lido tanto nos cursos de graduação de História quanto nos cursos de Filosofia. A obra mais famosa de Collingwood (pelo menos para os historiadores) é o seu

⁸ Para citar alguns desses momentos: SKINNER, Quentin. *Some problems in the analysis of political thought and action*. In: TULLY, James (Ed.). *Meaning e Context: Quentin Skinner and his Critics*. Princeton: Princeton University Press, 1988, p. 103; SKINNER, Quentin. *A reply to my critics*. In: TULLY, James (Ed.). *Meaning e Context: Quentin Skinner and his Critics*. Princeton: Princeton University Press, 1988, p. 234; e SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 627.

livro intitulado “A ideia de história”, um livro publicado postumamente em 1946, isto é, três anos após a sua morte. Neste trabalho, ele visa fazer uma história da ideia de história, desenhando a história da historiografia desde Heródoto até a história científica da virada do século XIX para o século XX. Em linhas gerais, este livro pode ser interpretado como uma forma de estreitar os diálogos entre a História e a Filosofia, na medida em que um dos objetivos principais desse trabalho é, justamente, “uma investigação filosófica acerca da natureza da história” (COLLINGWOOD, 1981, p. 13).

Algumas das ideias mais notáveis de Collingwood estão presentes nesse livro, dentre elas, cabe destacar: 1) a sua concepção de “imaginação histórica” e 2) a sua reflexão da história como uma forma de autoconhecimento. No capítulo sobre a “imaginação histórica” Collingwood argumenta sobre como a predisposição imaginativa do historiador é um fator fulcral para a produção historiográfica, na medida em que ela auxilia na análise dos pontos que não são evidenciados pelas fontes – esta é uma discussão polêmica e muito atual, visto que ela perpassa o debate sobre o estatuto científico da história e também os possíveis elos entre o historiador e literato.

Por sua vez, o entendimento da história como uma forma de autoconhecimento não é uma reflexão muito difundida, no entanto, essa reflexão atravessa, mesmo que de forma sutil, grande parte da obra do filósofo inglês. Essa reflexão é o desdobramento de suas máximas de que “toda história é história do pensamento” (COLLINGWOOD, 1981, p. 268) e que “o conhecimento histórico é simplesmente a reconstituição, no espírito do pensador presente, das experiências passadas” (COLLINGWOOD, 1981, p. 393). Pode-se dizer que essa reflexão de Collingwood vai ao encontro de alguns pressupostos hegelianos, inclusive, Collingwood foi um atento leitor da tradição idealista – na qual ele é muitas vezes enquadrado. No entanto, essas classificações e a proximidade de Collingwood com essa tradição não é relevante para os objetivos do presente artigo – que são bem mais modestos. Porém, cabe destacar as seguintes palavras de Collingwood acerca do problema do autoconhecimento:

Conhecer-se a si mesmo significa saber o que se pode fazer. E como ninguém sabe o que pode fazer antes de tentar, a única indicação para aquilo que o homem pode fazer e aquilo que já fez. O valor da história está então em ensinar-nos o que o homem tem feito e, deste modo, o que o homem é. (COLLINGWOOD, 1981, p. 17).

Dessa forma, o autoconhecimento estaria intimamente ligado à percepção da historicidade. Isto é, um grande passo para o autoconhecimento seria aprender a pensar historicamente. A discussão de Collingwood sobre a história como autoconhecimento até é citada por Quentin Skinner, aliás, é precisamente com essa reflexão que o historiador inglês conclui o seu artigo mais famoso⁹. Contudo, mesmo “A ideia de história” sendo o livro mais conhecido de Collingwood, Skinner praticamente não o cita. Cabe dizer que Skinner cita majoritariamente o livro “*An Autobiography*” do filósofo inglês – e é precisamente nesse livro que Collingwood desenvolve a sua reflexão sobre a “lógica da pergunta e resposta”, reflexão esta que é de extrema importância para o projeto teórico skinneriano, como ficará claro nos parágrafos que seguem.

A “lógica da pergunta e resposta” – o princípio collingwoodiano de historicização dos textos

“And the historian’s own point of view is not constant. The world he perceives is a world perpetually changing.”
(Collingwood)

Mesmo Skinner se referindo a Robin George Collingwood como sendo a sua principal referência intelectual, pode-se dizer que nada de substancial se escreveu sobre como Skinner usou e se apropriou dos trabalhos do filósofo inglês. Tal fato se apresenta como um enorme desmazelo na medida em que o pressuposto collingwoodiano de historicização dos textos, ou seja, da negação de problemas perenes no âmbito da filosofia, constitui um dos alicerces fundamentais da reflexão teórica de Skinner. Esse pressuposto de historicização dos textos é chamado por Collingwood de “lógica da pergunta e resposta” (*logic of question and answer*).

⁹ Quentin Skinner finaliza o artigo “*Meaning and Understanding in the History of Ideas*” da seguinte maneira: “to learn from the past – and we cannot otherwise learn it at all – the distinction between what is necessary and what is the product merely of our own contingent arrangements, is to learn the key to self-awareness itself” (SKINNER, 1969, p. 53). É possível interpretar a conclusão do artigo de Skinner como uma referência tácita a Collingwood e a sua reflexão sobre a história como autoconhecimento.

Em seu livro *“An Autobiography”*, no capítulo intitulado *“Question and Answer”*, Collingwood desenvolve o seu princípio de historicização dos textos. Segundo o filósofo inglês, pensar a partir da “lógica da pergunta e resposta” significa, grosso modo, pensar historicamente (COLLINGWOOD, 2002, p. 58).

Nesse sentido, essa “lógica” exposta por Collingwood é, na verdade, bem simples: o filósofo inglês argumenta que, ao se debruçar sobre um texto, o leitor deve simplesmente indagar: “para que questão esse texto constitui uma resposta?”. Collingwood afirma que essa pergunta é uma pergunta de caráter histórico e, logo, só pode ser colocada a partir de procedimentos históricos.

Doravante, argumentarei sobre a importância da “lógica da pergunta e resposta” para o programa skinneriano. Por conseguinte, é de extrema importância deixar claro que Collingwood não se limita a argumentar sobre a sua “lógica da pergunta e resposta” no capítulo homônimo em seu livro *“An Autobiography”*. Muito pelo contrário, o filósofo inglês argumenta em diversos momentos de sua obra sobre o problema da historicização dos textos e sobre a importância de se pensar historicamente, inclusive no livro *“A ideia de história”*, citado mais acima¹⁰.

Como já colocado, é inegável a importância do filósofo R. G. Collingwood para o programa teórico-metodológico desenvolvido por Quentin Skinner. Principalmente o princípio de historicização dos textos – ou, simplesmente, a “lógica da pergunta e resposta”. Skinner faz questão de lembrar a sua dívida com Collingwood em diversos momentos de sua obra. Um bom exemplo pode ser retirado do livro *Liberdade antes do Liberalismo*, onde Skinner faz referência não apenas ao livro *An Autobiography*, mas especificamente ao capítulo “pergunta e resposta” (*question and answer*):

Ainda me recordo de quão impressionado fiquei ao ler pela primeira vez a *Autobiografia* de R. G. Collingwood, onde ele afirma que a história de todas as ramificações da filosofia carece de um objeto estável, na medida em que as perguntas bem como as respostas mudam continuamente. (SKINNER, 1999, p. 84).

¹⁰ Para citar outro momento, ver: COLLINGWOOD, Robin George. *Essays in the Philosophy of History*. Austin: University of Texas Press, 1965. (Principalmente os capítulos *“The Nature and Aims of a Philosophy of History”* e *“The Philosophy of History”*).

É possível encontrar muitas dessas referências a Collingwood na obra de Skinner. Contudo, nem sempre Skinner o faz de forma transparente ou aberta. Por exemplo, no prefácio de seu mais famoso livro (“As Fundações do Pensamento Político Moderno”), Skinner se refere a Collingwood de forma tácita. Apenas um leitor que tenha familiaridade com as suposições de Collingwood, e que saiba da sua importância para a teoria da história de Skinner, perceberá a clara referência à “lógica da pergunta e resposta”:

Podemos começar assim a ver não apenas que argumentos eles apresentavam, mas também as questões que formulavam e tentavam responder, e em que medida aceitavam e endossavam, ou contestavam e repeliam, ou às vezes até ignoravam (de forma polêmica), as ideias e convenções então predominantes no debate político. Não podemos esperar atingir esse nível de compreensão estudando tão-somente os próprios textos. A fim de percebê-los como respostas a questões específicas, precisamos saber algo da sociedade na qual foram escritos. (SKINNER, 2009, p. 13).

A partir das duas passagens citadas acima, mais especificamente nas frases “a história de todas as ramificações da filosofia carece de um objeto estável, na medida em que as perguntas bem como as respostas mudam continuamente” e “a fim de percebê-los como respostas a questões específicas, precisamos saber algo da sociedade na qual foram escritos”, é possível perceber a relevância do princípio collingwoodiano no labor historiográfico de Skinner. Mais ainda, é possível perceber um ponto fundamental ensejado pelo próprio princípio collingwoodiano, a saber: a preocupação de Skinner com a diacronia.

Quentin Skinner demonstra uma nítida preocupação com a fundamentação de uma análise não apenas sincrônica, mas também diacronicamente apropriada. É justamente a percepção de um movimento diacrônico na história da teoria política moderna que possibilita Skinner a criticar a história das ideias convencional. Quando Skinner escreve em seu artigo – o já citado “*Meaning and Understanding in the History of Ideas*” – que “*there are no perennial problems in philosophy. There are only individual answers to individual questions.*” (SKINNER, 2002, p. 88), ele está usando o princípio collingwoodiano para assinalar a importância da diacronia com o intuito de criticar a historiografia das ideias – mais especificamen-

te o programa de Arthur Lovejoy¹¹. Skinner evidencia claramente esse ponto no artigo “*Studying rhetoric and conceptual change*”:

I had a second and more basic motivation for wishing to study the changing use of concepts. I wanted to question the assumption influentially propagated by Arthur Lovejoy and his disciples about the proper task of the historian of ideas. Lovejoy had argued that, beneath the surface of ideological debate, there will always be a range of perennial and unchanging ‘unit-ideas’ which it becomes the task of the intellectual historian to uncover and trace. (SKINNER, 2002, p. 176).

A preocupação de Skinner com a diacronia é completamente incompatível com a perspectiva de Arthur Lovejoy. Pois, como colocado na definição de Skinner acima, Lovejoy sustenta que “*there will always be a range of perennial and unchanging ‘unit-ideas’ which it becomes the task of the intellectual historian to uncover and trace*”. As posições de Lovejoy e Skinner são nitidamente antinômicas. Skinner não poderia acatar a suposição de Lovejoy sobre “ideias perenes” se a sua diligência para com a diacronia prega justamente a percepção do dinamismo histórico. Percepção esta que – para o escopo deste artigo é extremamente importante deixar claro – é ensejada pela sua leitura de Collingwood. As seguintes palavras de Skinner ajudam a compreender este ponto e, mais uma vez, pode-se perceber uma alusão de Skinner à “lógica da pergunta e resposta”:

I was further aided in this task, moreover, by philosophical writings of J. L. Austin and, even more immediately, of R. G. Collingwood. To the latter, indeed, I am directly indebted for what remains my fundamental assumption as an intellectual historian: that the history of thought should be viewed not as series of attempts to answer a canonical set of questions, but as a sequence of episodes in which the questions as well as the answers have frequently changed. (SKINNER, 1988, p. 234).

Nessa passagem é interessante perceber que Skinner se refere de forma aberta aos escritos filosóficos de Collingwood como sendo fundamentais para as suas suposições como um historiador intelectual. No entanto, volto a repetir, o que é realmente intrigante é que nada de substancial se escreveu sobre como Skinner usou e se apropriou dos trabalhos do filósofo inglês Robin George Collingwood – mesmo Skinner tendo uma considerável fortuna

¹¹ Sobre o programa de Arthur Lovejoy para a história das ideias, ver o primeiro capítulo de seu famoso livro: LOVEJOY, Arthur. *O estudo da história das ideias*. In: *A Grande Cadeia do Ser: Um Estudo da História de uma Ideia*. São Paulo: Editora Palindromo, 2005, p.13-31.

crítica. Normalmente, os comentadores e críticos de Skinner conformam-se em fazer um comentário ou a escrever uma simples nota de rodapé para ratificar a importância dos escritos de Collingwood para o desenvolvimento do projeto skinneriano, sem esboçar nenhum aprofundamento ou problematização de qualquer gênero. O que impressiona é que é possível traçar muitos paralelos elucidativos entre o filósofo e o historiador inglês. Por exemplo, as aproximações são notórias se analisarmos uma afirmação de Collingwood: *“And the historian’s own point of view is not constant. The world he perceives is a world perpetually changing.”* (COLLINGWOOD, 1965, p. 54). E logo em seguida a afirmação de Skinner presente na citação acima: *“the history of thought should be viewed [...] as a sequence of episodes in which the questions as well as the answers have frequently changed”*.

As similitudes são evidentes, e as duas frases mencionadas aclaram o valor que os dois ingleses conferem à diacronia. É relevante acrescentar que a diacronia apregoada pelos dois é uma diacronia orientada pelo diálogo, em outras palavras, a diacronia é possível em função do dialogismo e vice-versa. Mark Bevir – ao escrever sobre a explicação diacrônica e seus possíveis elos com o dialogismo – comenta a “lógica da pergunta e resposta” de Collingwood da seguinte maneira:

Mudanças de crença ocorrem em resultado de um diálogo íntimo, socrático, de perguntas e respostas. As novas redes de crenças que as pessoas adotam passam a constituir as respostas aos dilemas que opõem às suas antigas redes de crenças quando tomam por verdadeiras uma nova interpretação. Em certo sentido, portanto, o desenvolvimento diacrônico da crença humana consiste numa série de respostas específicas a dilemas particulares (BEVIR, 2008, p. 292).

Na passagem acima, Mark Bevir deixa bem claro a retroalimentação existente entre diacronia e dialogismo – e como a sua matriz intelectual subsiste na “lógica da pergunta e resposta” de Collingwood. Entretanto, sobre esse ponto, cabe ainda destacar as seguintes palavras de Skinner:

My first steps thus a generalization of Collingwood’s dictum to the effect that understanding any proposition requires us to identify the question to which the proposition may be regarded as an answer. I am claiming, that is, that any act of communication always constitutes the taking up of some determinate position in relation to some pre-existing conversation or argument. (SKINNER, 1988, p.274).

Não obstante, o dialogismo não é apenas apregoado pelo programa skinneriano, ele é inerente a ele. Por exemplo, Skinner problematiza sua tese inicial de que a intencionalidade autoral seria fulcral para recuperar o significado de um texto¹² e abandona sua polêmica afirmação de que uma história dos conceitos não seria possível¹³ justamente como decorrência dos diálogos com seus críticos. É nesse sentido que é possível dizer que o programa skinneriano não é estático, mas sim uma reflexão teórica em movimento, em constante transformação, uma dinâmica fundada na diacronia e no dialogismo, e, acima de tudo, uma teoria da interpretação edificada a partir da percepção da historicidade dos textos, como o próprio Skinner argumenta ao comentar sobre os filósofos e historiadores intelectuais simpáticos à causa collingwoodiana:

If these scholars have anything methodologically in common, it might be summarized as a desire to stress the historicity of the history of political theory and of intellectual history more generally. Collingwood himself expressed this commitment by demanding that we should aim to recover the precise questions to which the philosophical texts we study were designed as answers (SKINNER, 2001, p. 176-177).

Esta passagem foi retirada de um texto de Quentin Skinner que desempenha um papel fulcral para os argumentos aqui apresentados. É nesse texto que Skinner discorre mais largamente sobre sua apropriação da filosofia de R. G. Collingwood. A partir desse texto é possível perceber também, com mais clareza que em outras publicações, que Skinner usa os escritos de Collingwood com a intenção de refutar algumas das críticas direcionadas ao seu programa teórico-metodológico (principalmente as críticas formuladas pelos adeptos de Hans-Georg Gadamer, Paul Ricoeur e Jacques Derrida). No artigo intitulado “*Some problems of the analysis of political thought and action*”, mais uma vez é possível perceber que Skinner usa Collingwood com a intenção de refutar seus críticos. Não obstante, neste artigo

¹² Sobre esse assunto ver: SKINNER, Quentin. *Motives, Intentions and the Interpretation of Texts*. In: TULLY, James (Ed.). *Meaning e Context: Quentin Skinner and his Critics*. Princeton: Princeton University Press, 1988, pp. 68-78; e também os capítulos 5 e 6 do livro de Skinner: *Visions of Politics. Volume I: Regarding Method*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

¹³ Sobre esse assunto ver: SKINNER, Quentin. *Rhetoric and Conceptual Change*. In: *Finnish Yearbook of Political Thought* 3, (1999), pp. 60-73.

Skinner usa Collingwood com a intenção de contradizer aqueles que associam a sua posição intelectual com o positivismo-lógico.¹⁴

A historicidade destacada por Skinner na passagem acima pode ser definida corriqueiramente como a percepção da experiência temporal. Ela é exequível em função da dinâmica fomentada pela diacronia e pelo dialogismo. É amplamente sabido que “a moderna hermenêutica encontra a sua fundamentação teórica na historicidade” (PALMER, 2006, p. 123). A consequência mais genérica dessa fundamentação é a redutibilidade dos discursos e das práticas humanas à história mesma. Essa redutibilidade expressa pelo programa skinneriano é algumas vezes mal compreendida por seus críticos e assim alcunhada, ocasionalmente de forma pejorativa, de “contextualismo linguístico”. A redutibilidade impulsionada pela percepção da historicidade não deve ser confundida com “contextualismo”: o conceito “histórico” presente na teoria da história de Skinner deve ser entendido como um termo avaliativo-descritivo de caráter heurístico¹⁵. A heurística manifestada pela percepção da historicidade está baseada na tentativa de “compreender o objeto no horizonte da temporalidade de cada um e da posição que cada um ocupa na história” (PALMER, 2006, p. 128). Ou, para usar as palavras de Skinner expostas mais acima: “A fim de percebê-los [os textos] como respostas a questões específicas, precisamos saber algo da sociedade na qual foram escritos” (SKINNER, 2009, p. 13).

Portanto, a questão é que delimitar o empreendimento de Skinner da percepção da historicidade dos textos exclusivamente como uma empresa contextualista é desvalorizar o caráter hermenêutico de sua teoria da história, e, conseqüentemente, ignorar a imensa importância que os escritos de Robin George Collingwood – mais especificamente as potencialidades heurísticas da “lógica da pergunta e resposta” – exerceram no decorrer da edificação do programa teórico-metodológico skinneriano.

¹⁴ Sobre esse uso específico de Collingwood ver: SKINNER, Quentin. *Some problems of the analysis of political thought and action*. In: TULLY, James (Ed.). *Meaning e Context: Quentin Skinner and his Critics*. Princeton: Princeton University Press, 1988, p. 103.

¹⁵ Sobre o conceito “histórico” na teoria da história de Skinner ver: PALONEN, Kari. *History as an Argument*. In: PALONEN, Kari. *Quentin Skinner: History, Politics, Rhetoric*. Cambridge, UK, Malden, MA: Polity Press, 2003, pp. 11-28.

Consideração final

Em breve síntese visei apresentar como o programa skinneriano para a história intelectual é uma reflexão teórica em movimento, uma dinâmica fundada no dialogismo e na diacronia, e, acima de tudo, uma teoria da interpretação edificada a partir da percepção da historicidade dos textos. Nesse sentido, busquei mostrar que a teoria da interpretação formulada por Quentin Skinner está alicerçada no pressuposto collingwoodiano da “lógica da pergunta e resposta” e, por conseguinte, é principalmente em função deste pressuposto que Skinner denomina o seu programa como sendo uma “abordagem collingwoodiana” (*Collingwoodian approach*).

Para fins de conclusão, pode-se dizer que Quentin Skinner se apropriou da “lógica da pergunta e resposta” formula por Collingwood com o intuito principal de criticar a convencional história das ideias exposta nos moldes de Arthur Lovejoy – que sustentava que poderiam existir problemas perenes no âmbito da filosofia. A partir dessa crítica, Skinner tencionou amplificar as potencialidades da história intelectual, visto que, como ele mesmo demonstrou em seus diversos trabalhos, essa “lógica” collingwoodiana possui um enorme valor heurístico pois ela expressa a dinâmica dialógica e diacrônica dos textos e objetos históricos na medida em que revela a historicidade que lhes é inerente.

Referências Bibliográficas

- Livros de Quentin Skinner:

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Liberdade antes do liberalismo*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

_____. *Maquiavel*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

_____. *Visions of Politics. Volume I: Regarding Method*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

- Artigos de Quentin Skinner:

_____. *Conventions and the Understanding of Speech Acts*. In: *The Philosophical Quarterly*, Vol. 20, No. 79, Philosophy of Language Number (Apr., 1970), pp. 118-138.

_____. *Hermeneutics and the Role of History*. In: *New Literary History*, Vol. 7, N° 1, Critical Challenges: The Bellagio Symposium, (1975), pp. 209-232.

_____. *Meaning and understanding in the history of ideas*. In: *History and Theory*, Vol. 8, N° 1 (1969), pp. 3-53.

_____. *Motives, Intentions and the Interpretation of Texts*. In: *New Literary History*, Vol. 3, N° 2 (1972), pp. 393-408.

_____. *Rhetoric and Conceptual Change*. In: *Finnish Yearbook of Political Thought* 3, (1999), pp. 60-73.

_____. *Some Problems in the Analysis of Political Thought and Action*. In: *Political Theory*, Vol. 2, No. 3 (Aug., 1974), pp. 277-303.

_____. *The Rise of, Challenge to and Prospects for a Collingwoodian Approach to the History of Political Thought*. In: CASTIGLIONE, D.

(org.). *The History of Political Thought in National Context*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, pp. 175-188.

- Bibliografia Geral:

AUSTIN, John Langshaw. *How to do things with words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BEVIR, Mark. *A Lógica da História das Ideias*. Bauru, SP: Edusc, 2008.

COLLINWOOD, Robin George. *A ideia de história*. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

_____. *An Autobiography*. Oxford: Clarendon Press, 2002.

_____. *Essays in the Philosophy of History*. Austin: University of Texas Press, 1965.

DILTHEY, Wilhelm. *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

_____. *The Rise of Hermeneutics*. In: *New Literary History*, Vol. 3, N° 2, On Interpretation: I (1972), pp. 229-244.

GADAMER, Hans-Georg. *O Problema da Consciência Histórica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

JASMIN, Marcelo. *História dos Conceitos e Teoria Social e Política: Referências Preliminares*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 20, N° 57, 2005, pp. 27-38.

JASMIN, Marcelo & JÚNIOR, João Feres (Org.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio: Edições Loyola: IUPERJ, 2006.

JÚNIOR, João Feres. *De Cambridge para o Mundo, Historicamente: Revendo a Contribuição Metodológica de Quentin Skinner*. In: DA-

DOS – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 48, nº 3, 2005, pp. 655-680.

KOSELLECK, Reinhart & GADAMER, Hans-Georg. *Historia y hermenêutica*. Barcelona: Ediciones Paidós, 1997.

LACAPRA, Dominick. *Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Language*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1983.

LOVEJOY, Arthur. *A Grande Cadeia do Ser: Um Estudo da História de uma Ideia*. São Paulo: Editora Palindromo, 2005.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 2006.

PALONEN, Kari. *Quentin Skinner: History, Politics, Rhetoric*. Cambridge, UK, Malden, MA: Polity Press, 2003.

RICHTER, Melvin. *Reconstructing the History of Political Languages: Pocock, Skinner, and the Geschichtfiche Grundbegriffe*. In: *History and Theory*, Vol. 29, No. 1 (Feb., 1990), pp. 38-70.

SCHOCHET, Gordon J. *Quentin Skinner's Method*. In: *Political Theory*, Vol. 2, Nº 3 (Aug., 1974), pp. 261-276

TULLY, James (Ed.). *Meaning e Context: Quentin Skinner and his Critics*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.